

NOTÍCIAS DE CAMPELO

ANO IX — (III Série) — N.º 91
JULHO DE 1978

Director: P.º MANUEL VENTURA PINHO
Propriedade da Igreja Paroquial

Publicação mensal

Redacção e Administração:
R. da Cadeia—Figueiró dos Vinhos

Edição, Composição e Impressão
«Gráfica de Coimbra»

Telefone 42395
(Figueiró dos Vinhos)



PORTE
PAGO

PERIÓDICO REGIONAL DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

Da prostituição à droga

É um espectáculo degradante aquele que se observa ao atravessar a encantadora serra de Monsanto, nos arredores de Lisboa. Por toda a parte, grupos de prostitutas à espera de «parceiros». E é relativamente recente esta manifestação pública das mazelas da nossa sociedade.

Nós queremos uma sociedade progressiva em todos os sectores da dignidade humana. O progresso na degradação da sociedade não é verdadeiro progresso. É antes retrocesso. Não basta procurar o progresso material e cantar loas à liberdade. Se esta se torna em libertinagem, deixa de ser liberdade para ser uma opressão. A sociedade já não tem a liberdade de viver em paz e de não ser incomo-



dada pelos espectáculos imorais da violência, da prostituição e da droga.

Não é em nome da violência e da repressão mas da liberdade autêntica, que apelamos para as autoridades competentes, de modo a protegerem o bem de todos numa sociedade de rosto lavado. Que fazem as autoridades para porem cobro a estas degradações morais?

Há tempos, foram instituídas comissões regionais de combate à droga. Não sabemos como estão a funcionar. Contudo, durante o ano de 1977, a Polícia Judiciária de Lisboa instaurou 708 processos por tráfico e consumo de drogas. Durante este mesmo ano, foram apreendidos cerca de 140 quilos de liamba e 438 de haxixe. Houve também conhecimento de 148 assaltos a farmácias e depósitos de medicamentos, dos quais foram roubadas elevadas quantidades de drogas para o mercado clandestino. Ainda em 1977 foi descoberto o primeiro laboratório clandestino de LSD em Portugal.

Segundo uma estimativa, a droga no País atingirá umas 500 000 pessoas, sendo o maior número constituído por jovens. Outra fonte de informação apresenta uma curiosa estatística, da qual se podem tirar as seguintes conclusões:

- 1.º Entre os anos de 1973 e 1977, o consumo da droga, nalguns casos, aumentou para mais do dobro.
- 2.º — Tem aumentado muito mais nas raparigas do que nos rapazes.
- 3.º — A cidade onde existe maior percentagem de consumidores é Lisboa.

(Continua na pág. 3)

Que se passa em Campelo?

Chegou-nos às mãos a carta assinada e que põe em público aquilo que corre de boca em boca. Há desentendimento entre os membros da Junta de Freguesia e Assembleia de Freguesia. Processos autocráticos, acusação pública de pessoas comumente respeitadas, questões partidárias?

Abrimos com esta carta que certamente terá resposta, que desde já prometemos publicar.

PARA QUE O POVO TENHA CONHECIMENTO

«Existem na Freguesia dois órgãos distintos, Assembleia e Junta; a Assembleia é constituída pelos seguintes senhores: Presidente — José Francisco dos Santos; Secretário — José Mendes; Vogais — Aníbal Martins e Amílcar Coelho. Os outros já não comparecem às reuniões, creio mesmo que se demitiram, muito embora não o fizessem oficialmente.

A Junta é composta por os seguintes senhores: Presidente — José da Costa Simões; Secretário — José da Conceição Relvas; Tesoureiro — José Pedro.

Pretendo com este esclarecimento dar a conhecer ao público que algo funciona mal. A continuarmos assim dentro em breve não funcionará a Assembleia nem a Junta, pois eu o afirmo. Ainda há pouco tempo serv de interveniente para que não pedissem a sua demissão, como era seu desejo, os dois membros que acompanham o senhor Presidente da Junta.

Na verdade tem havido lamentações, quer em reuniões quer fora delas; desta vez sou eu o atingido e que estou profundamente chocado. Quando procedia ao arranjo do nosso ramal de Eiras me apareceu o senhor Presidente da Junta acompanhado pelo Presidente da Assembleia e por um membro, e tenta dali retirar a máquina que fazia os trabalhos, chegando ao cúmulo de dizer em voz alta: A minha ordem a máquina vai uma hora fazer outro serviço. Foi contestado por mim e talvez não apoiado pelos que o acompanhavam, não levou por diante as suas intenções, tudo isto na sequência de um suplemento dum serviço a que eu era alheio e nem sequer apresentado em qualquer reunião. Povo venham às reuniões, ficarão mais esclarecidos.

Tenho muito mais a dizer mas fica engatilhado.

Respeitosamente

AMÍLCAR DE JESUS COELHO

Sobre o túmulo da igreja matriz de Figueiró dos Vinhos

por C. M. L. BAETA NEVES

II

Podia ter ficado, sob este título, no que foi divulgado em artigo anterior, mas pareceu-me pouco, pelo muito que a seu propósito ainda podia ser escrito nestas notas de natureza histórico-genealógicas.

Se então só recuei até D. Lopo Dias de Sousa, Mestre da Ordem de Cristo, para lhe fazer tão breve referência, a querer dais mais realce à figura de D. Violante de Sousa, podia ter ido um pouco mais longe lembrando que esta era neta de Álvaro Dias de Sousa e de D. Maria Telles, a infeliz irmã da Rainha D. Leonor.

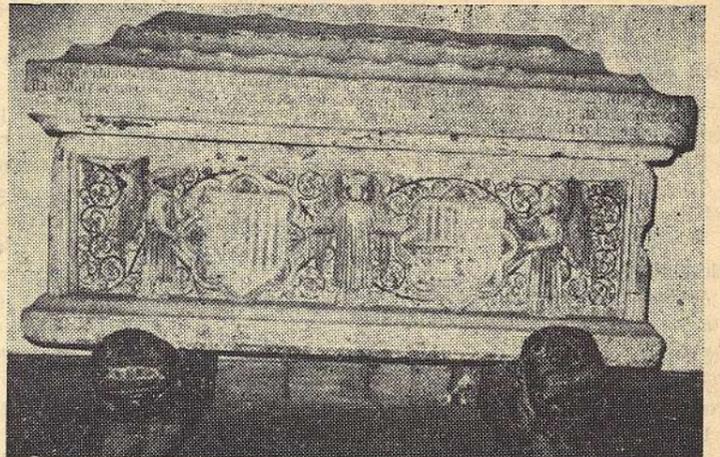
Podia vir assim à baila a tragédia da morte desta, assassinada pelo seu segundo marido, o Infante D. João, filho de D. Inês de Castro.

Aceitou-se durante muito tempo que a tragédia se teria passado no conhecido palácio de Sub-Ripas em Coimbra; que teria sido ainda o epílogo da intriga de D. Leonor contra a irmã, acontecimento ignominioso que só por si causa repulsa ao pensar-se no que traduz de maldade e perfídia de tal Rainha.

Bem o descreve Antero de Figueiredo na sua tão conhecida obra sobre ela.

Mas uma tal divagação, ainda que culturalmente tivesse algum interesse, vinha um tanto a despropósito, para além da referência que lhe é feita agora. Antes me parece mais apropriado escolher, para alongar o tema no seu desenvolvimento, quanto se tenha passado com a descendência daqueles que jazem no túmulo da igreja matriz de Figueiró dos Vinhos.

E não foi difícil encontrar acontecimento que valesse a pena divulgar, aceitando não ser a obra de D. António Caetano de Sousa («História Genea-



lógica da Casa Real Portuguesa», Tomo XII, Parte I) tão conhecida que não seja quase original para muitos leitores quanto dela vou recortar.

Teve Ruy Vasques Ribeiro de Vasconcellos de D. Violante de Sousa dois filhos: D. João Rodrigues Ribeiro de Vasconcellos e D. Isabel de Sousa. Casou o primogénito por sua vez com D. Branca de Menezes, de quem teve sete filhos: Ruy Mendes Ribeiro de Vasconcellos, D. Pedro de Sousa Ribeiro, D. Diogo de Sousa, D. Catharina da Sylva, D. Isabel de Menezes, D. Violante da Sylva e D. Maria da Sylva.

De tão numerosa prole apenas nos interessa nesta altura o primeiro, D. Ruy Mendes de Vasconcellos (ou Ruy Mendes Ribeiro de Vasconcellos) por lhe estarem ligados os factos a que desejo fazer referência.

Trata-se portanto de um neto daquele casal que foi sepultado na igreja de Figueiró.

Este começou por continuar, como já acontecera com seu pai, por ser Senhor desta vila e da de Pedrógão, mas agora também da de Penamacor, o que pouco vale em celebridade perante quanto se passou em Ceuta, onde praticou actos que «farão eterno o seu nome no Templo da Heroicidade» (D. António Coetano de Sousa, ob. cit.).

Numa altura da nossa História em que deixamos de pertencer a outros territórios que não sejam aqueles donde eram oriundos esse e tantos outros heróis, valerá a pena, penso eu, lembrar o seu exemplo, para que de facto seja possível banir do vocabulário português a palavra desânimo; assim não falte a inspiração e o estímulo para mantermos o ânimo de que precisamos e à sombra do qual tantos praticaram tão raros feitos.

Rui Mendes de Vasconcellos foi Governador de Ceuta na altura em que o rei D. Fernando, o Católico, de Espanha, combinado com o rei de Fez, planeou tomar aquela praça atacando um pelo mar e o outro por terra.

(Continua na pág. 2)

Notícias Regionais

POR FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Obras novas

Começaram, em bom ritmo, as obras do Palácio da Justiça, ali na Avenida das Escolas. Por outro lado, o terreno onde será construído o novo Quartel dos Bombeiros também já está preparado para o início das respectivas obras.

Lembramos que estes dois melhoramentos irão importar em cerca de quarenta mil contos e muito beneficiam a nossa Vila.

— O edifício dos Paços do Concelho encontra-se já totalmente pintado no exterior, aguardando-se que comece a substituição do telhado.

A reconstrução interior irá esperar até à saída dos serviços do Tribunal para o novo Palácio da Justiça.

PELO COENTRAL

Água ao domicílio

Os Coentralenses estão de parabéns, pois já se encontra quase completa a instalação da água ao domicílio. Assim, em breve já não terão necessidade de ir buscar água às fontes públicas, graças à boa vontade da incansável e briosa Junta de Freguesia.

PELO SINGRAL

É já no próximo dia 30 de Julho a Festa de S. Tiago, que aqui atrai numerosos conterrâneos e forasteiros.

Os srs. Mordomos pedem que avise que tudo decorrerá como nos demais anos: Missa pelas 15 horas, seguida de Procissão, e finalmente leilão de fogaças e parte recreativa.

A Missa terá a participação do grupo coral de Castanheira de Pêra, que se ofereceu gratuitamente para tal solenidade.

POR ALGE

A Festa ao Divino Espírito Santo será já no próximo dia 13 de Agosto.

A povoação prepara-se para receber os seus conterrâneos emigrantes e também muitos forasteiros.

Electricidade

A electricidade de toda esta zona até ao Singral está quase pronta. Talvez para Setembro se faça a inauguração.

Ponte para Vila Nova

Está em plena construção a ponte que ligará a estrada de Alge a Vila Nova, pelos Carvalhos.

É um melhoramento que muito beneficiará as comunicações com o concelho de Miranda do Corvo e Lousã. Os Serviços Florestais abriram uma estrada para ligação daquela zona e agora estão a ligá-la com as comunicações existentes na Freguesia de Campelo.

POR CAMPELO

Festa do Santíssimo

No dia 9 de Julho p. p., realizou-se na nossa Igreja a Festa da Comunhão e Profissão de Fé das Crianças da Freguesia.

Poucas crianças e também relativamente poucas pessoas presentes. A Freguesia continua a despovoar-se e agora em ritmo acelerado.

Tudo correu bem. Houve Festa e grande. Cerimónias religiosas, lanche oferecido pelo sr. João Moraes Rosa, a quem as crianças e nós agradecemos, fotografias, teatro, fantoches, cinema e muita, muita alegria.

No próximo número pensamos

poder apresentar fotografura alusiva ao facto.

Festa da Padroeira

No 1.º Domingo de Agosto, como é tradicional, leva-se a efeito a Festa de Nossa Senhora da Graça, Padroeira da Freguesia.

Os mordomos estão a preparar as coisas para tudo correr como nos anos anteriores.

PELO FONTÃO FUNDEIRO

Realizou-se no passado dia vinte e cinco de Junho p. p., a tradicio-

nal Festa de Nossa Senhora da Saúde. Apesar de o tempo na véspera ser de chuva e de se celebrar na sede do concelho a Festividade de S. João Baptista, não houve menos gente que nos outros anos.

O pior foram os problemas com a luz que às tantas da noite fez terríveis partidas!... Mas fora isso, tudo correu bem.

Foram nomeados mordomos para 1979 os seguintes senhores: José dos Santos Félix, Acácio da Conceição Henriques, Joaquim Costa da Silva e Américo Simões Mendes.

Túmulo da igreja matriz

(Continuado da pág. 1)

Soube-o o seu Governador por intermédio de um amigo que tinha em Gibraltar, mas já não com tempo para poder preparar a defesa como convinha; houve que valer-se do pouco de que dispunha.

Iniciado o avanço dos inimigos, numa arrojada saída por uma das portas da cidade, foi D. Ruy acidentalmente ferido, pelo que logo passou o comando a um capitão a quem cedeu cavalos, armas e criados, os quais acabaram por ser mortos.

Mantinha-se acesa a luta e nela do lado português tomavam parte até a própria mulher do Governador, D. Isabel Galvão, a qual com outras senhoras e criadas colaboravam destemidamente, chegando aquela D. Isabel a disparar uma bombarda, em substituição do soldado que embaraçado o não conseguia fazer, matando assim dois homens.

D. Ruy, seu marido, vem a ser convidado pelo seu amigo de Gibraltar a entregar a praça, ao que respondeu perguntando o que faria ele em igual situação. E perante a resposta, «Nem por todo o Mundo», justificou, pela inteira concordância com ela, a atitude repulsiva que tomava. Antes morrer que trair.

Mas entretanto foi usando o seguinte estratagemas: enquanto demonstrava ao rei de Fez quanto seria perigoso se ele se rendesse aos castelhanos, alarmava o rei de Castela com a possibilidade de se render aos mouros.

E cada um pedia de per si que escolhessem, ou abandonar a luta ou ele faria a entrega da praça, a um ou a outro dos inimigos que a disputavam.

Por muito ingénio que pareça, não esquecendo a mentalidade da época, a maneira de pensar religiosa das personagens principais em jogo e os seus interesses políticos, compreende-se que de tão habilidosa forma de proceder tivesse resultado, quando se pretendia, a libertação de Ceuta, cujas condições de defesa eram mais que precárias; e conseguiu ainda o seu abastecimento, a que o rei de Fez se comprometera.

Mas como este exigisse dinheiro que não havia, mandou D. Ruy «seu filho, único então, João Rodrigues de Vasconcellos em refém da quantia, que importasse a dívida: e assim proveu a Praça».

Se o acontecimento era conhecido do leitor, que me seja perdoada a repetição; por minha parte desconhecia-o, embora saiba de numerosos exemplos semelhantes em que os portugueses, homens e mulheres, souberam lutar pelos seus ideais dando a própria vida, em actos heróicos que por tão repetidos e tão diversos locais em África, na América, na Ásia e na Oceania, justificaram não só o nosso incomparável prestígio nos séculos XIV a XVI, mas também inspiraram o seu relato epopeico em «Os Lusíadas».

Olhar para o passado para com ele justificar as exigências do presente, não o julgo aconselhável nem útil; procurar nele a inspiração para de novo, perante novas circunstâncias, se procurar conseguir igual prestígio, já o considero não só justo, mas também necessário.

É certo que os tempos são outros e o que se pede a cada um é diferente; mas no fundo de todos nós há ainda uma reserva daquela força indomita com que tão poucos fizeram tanto, como raros outros o terão feito na História da Humanidade.

Há que tirar desses exemplos do passado, perante as realidades do presente, o estímulo que faça utilizar essas reservas até as circunstâncias o exigirem; e se todos o fizerem, muito poderemos ainda conseguir, ainda que bem diferente de quanto de tão notável corresponde ao passado.

D. Ruy Mendes de Vasconcellos, um entre tantos outros, relembra-nos de quanto somos capazes quando queremos de facto vencer; nunca ninguém demonstrou com mais evidência de que o «querer é poder», como os portugueses ao longo da sua História o fizeram.

Na igreja matriz de Figueiró dos Vinhos há ainda mais que admirar; mas eu prendi-me ao túmulo de Rui Vasques Ribeiro pela sua originalidade e beleza, e ainda por razões de ordem genealógica que ali me levavam.

O encadeado familiar, a cujo estudo a Genealogia se dedica, tem esse interesse, o de dar vida aos mortos, lembrando as suas relações de parentesco e dando relevo aos acontecimentos assinalados por algum daqueles elos da cadeia que liga o passado ao presente, a caminho do futuro.

E é ainda uma fonte de exemplos onde muitas vezes se encontram em situações idênticas, as atitudes mais próprias ou mais dignas, cuja inspiração muito nos poderá ajudar na solução dos problemas próprios.

Errata: No 1.º artigo sobre o túmulo da igreja de Figueiró dos Vinhos, onde se lê «Pero Rodrigues de Vasconcellos, Senhor da Nobreza», deve ler-se «Pero Rodrigues de Vasconcellos, Senhor da Nóbrega».

(in «Comarca de Arganil»)

Morte e Testamento do Galo

Galinhas minhas amadas,
A quem sempre muito amei,
Venham ver, ali e, verão
A desgraça a que cheguei.

Que grande é minha saudade
Do tempo da juventude
Quando a vida no quintal
Era livre, sem talude,

P'ra esgravatar a terra
E bichinhos descobrir!
Que lauto banquete, após,
No acto de os deglutir!

E, uma vez o papo cheio,
Era bela a brincadeira:
Correr, saltar e amar
Té regresso à capoeira.

Mas, agora, condenado,
Pela minha pouca sorte,
No fórum da DESVENTURA,
A pagar tributo à MORTE,

É meu desejo final
E próprio deste momento,
Não deixar a vida amarga
Sem fazer meu testamento.

Peço, pois p'ra ser chamado
O notário da cidade
Para registar as notas
De minha última vontade.

Deixo a carne do meu tronco,
A das pernas e das asas
A minha dona e aos seus
Para assar em vivas brasas.

A crista é prá cozinheira,
Caso me cozinhe bem,
P'ra fazer um diadema
Que outro préstimo não tem.

Os intestinos e as patas
São p'ró gato da vizinha
Pelos ratos que cacou
Em defesa da prol' minha.

E, se eu mais nada deixo,
É porque mais nada tenho
Que a vontade de deixar
Com freio a não detenho.

Mas, para finalizar,
À família deixo ainda,
Pois a não posso levar,
A minha saudade infinda.

JOSÉ RODRIGUES DIAS

Duas Escolas da Freguesia fecham e uma fica, até melhor solução

Segundo despacho do Ministério da Educação e Cultura são extintas as escolas de Alge e Fontão Fundeiro e mantém-se, até ver, a de Vilas de Pedro.

Esta notícia chocou grandemente os pais que nestas zonas têm filhos em idade escolar. Ainda se fossem transportados para uma escola próxima, mas irão para a sede do Concelho! Um dia inteiro fora do alcance dos pais, companhias as mais impróprias. Crianças ao Deus dará!

Não há dúvida que o Governo está a ser pior para as populações rurais que o de Salazar ou Caetano.

Mas Campelo não tem de que se queixar. É governado por aqueles que escolheu.

Comissão Zeladora de N. Senhora do Pranto

VILAS DE PEDRO

Recetas	
1 de Maio de 1977 — Saldo recebido	2.483\$30
Esmolas recebidas durante o ano de 1977/78	6.028\$20
Total	8.511\$50

Despesas da Capela	
Coiservação do Relógio ...	250\$00
Lavagem da Capela	200\$00
Electricidade	3.190\$00
Total	3.640\$00

Saldo — 4.871\$50.

A Comissão de Festas de 1978 fez uma entrega de um saldo de 13.250\$00.

Nesta data fica em cofre a importância de 18.121\$50.

FABRICA E VENDE
COLMEIAS
MÁRIO VENTURA
CAMPELO

AMIGOS DO JORNAL

Até nós chegaram os seguintes pagamentos de assinaturas do «Notícias de Campelo»:

250\$00 — do sr. Guilherme Francisco — Lisboa.

200\$00 — do sr. Fernando Mendes — U. S. A.

150\$00 — do sr. José Alves — U. S. A.

120\$00 — do sr. Joaquim dos Santos — Ribeira Velha.

110\$00 — do sr. Luciano de Jesus Henriques — Figueiró dos Vinhos.

100\$00 — dos srs. dr. Artur Cardoso Furtado Quintas — Figueiró dos Vinhos; José dos Santos Simões — Feijó; Vitorino Mendes Lucas — Coruche; Mário, Ferreira Duarte — Sacavém; Joaquim Arinto Simões — Montijo; Belarmino Varandas da Silva — Apelação; Alberto dos Santos Costa — Bobadela; João da Cruz Carvalho — Lisboa; Américo Coimbra — Campelo; Manuel Coimbra — Lisboa e Joaquim Henriques Pereira — Vila Franca de Xira.

50\$00 — dos srs. António Simões Ribeiro — Figueiró dos Vinhos; Joaquim dos Santos Mendes —

Vale Vicente; José António Ferreira — Campelo; José da Silva Mendes — Fontão Fundeiro e Vitorino dos Santos — Lisboa.

40\$00 — do sr. José Simões Nunes — Fontão Fundeiro.

CONTAS DO JORNAL

Até ao número 90, o anterior a este, havia as seguintes contas:

Receita	180.184\$80
Despesa	179.575\$20
Saldo positivo	609\$60

Como todos vêem é um pequeno saldo que não cobre sequer uma quinta parte da despesa do presente número. Por isso, e afinal como já vem sendo costume, alertamos todos os assinantes em atraso para que ponham as suas contas em dia.

O Jornal e os que nele trabalham não podem arcar com dívidas. Daí que o próximo número seja feito para dois meses. E depois a ver vamos...

O saber não ocupa lugar

A PRIMEIRA ESCOLA DE MEDICINA

Foi o califa Abderrahman quem fundou a primeira escola de medicina que houve na Europa, e cuja ciência e fama são atestadas pelo confessor de D. Sancho, que obteve licença do califa para ir a Córdova tratar-se com os médicos árabes.

OURO EM PORTUGAL

Segundo antigos escritores, havia, no tempo da denominação romana, e nos terrenos que hoje constituem o nosso país, muitas minas de ouro, e era grande a quantidade desse precioso metal que se extraía dos nossos rios, especialmente do Tejo, Douro, Mondego e Lima. Em tempos afastados, D. Dinis, segundo afirma Mendo Gomes, e depois D. João III mandaram fazer—este, um ceptro, e aquele um ceptro e uma coroa de finíssimo ouro extraído do Tejo.

Frei Bernardo de Brito conta ter visto em Coimbra porção de ouro em grânulos tirados dos ribeiros, e Duarte Nunes de Leão refere que muitas pessoas em Portugal

se sustentavam de colher ouro nos rios.

Falam antigos documentos da célebre mina da «Adiça» nas margens do Tejo, entre Almada e Sesimbra, cuja exploração foi favorecida pelos nossos antigos monarcas com muitos privilégios, e ainda durava no tempo de D. Manuel.

O PRIMEIRO «PIPE-LINE»

O primeiro «pipe-line» de que há registo foi construído no ano 525 A. C. por ordem do rei persa Cambises. A conduta, que atravessava o deserto era formada por peles de boi cozidas e servia para abastecer de água os exércitos persas que invadiam o Egipto.

BELOS TEMPOS!

Por um acórdão da municipalidade de Setúbal, datado de 1565, se determina que o cortador de carne que não dê ao comprador o peso competente, pague de multa: pela primeira vez, 100 réis; pela segunda, 300 réis; e pela terceira seja posto ao pé do pelourinho, com carne mal pesada, ao pescoço, por espaço de uma hora!



Para rir e pensar

CASTIGO

A professora pergunta:
— Que pecado cometeu Adão?
E o aluno responde:
— Comeu o fruto proibido.
— E como foi ele castigado?
— Teve de casar com a Eva.

★

Uma senhora perguntou ao professor do filho:

— Quando o meu filho for grande, senhor professor, o que acha que poderá ser?
— Cosmonauta, minha senhora.
— Cosmonauta?!?!
— Sim, minha senhora, porque, quando lhe explico as lições, está sempre na lua e, quando o interrogo, cai das nuvens...

O AUXÍLIO

O pai ajudava muito o filho que andava na escola resolvendo os problemas que o professor lhe passava e um dia perguntou-lhe:

— Então, Zêquinha; o professor tem-te dado boas notas nas contas?
— Não, papá, todos os dias tens tido um zero.

ADIVINHA

Represento muitas coisas:
Aves, frutas, gato, cão,
E sou crivado de setas
Como São Sebastião.

PROVÉRBIOS

— Nevoeiro em S. Pedro põe em Julho o vinho a medo.

— Por muito que Julho queira ser, pouco há-de chover

— Frio de Julho abraça em S. Tiago (25).

PENSAMENTOS

A mãe é a mais bela obra de Deus.

Almeida Garrett

Um coração de mãe é a obra-prima da Natureza.

Gertry

Ser mãe é padecer num paraiso.

Coelho Neto

Sugestões para adolescentes

(Continuado da pág. 4)

fias vendem-se por centenas de milhares e, no fim de contas, são todas das mesmas mulheres. Há uma grande diferença entre amar o geral e amar o particular. Pode amar-se um jardim, mas são poucos os que queriam ter um jardim em casa como companheiro de toda a vida. Muitos amam a humanidade, como Rousseau a amou, mas ele mesmo abandonou cada um dos seus filhos depois de terem nascido. O amor ao abstracto é um mundo de diferença do amor ao concreto. Por outro lado, enamorar-se de uma fracção tão-pouco é o mesmo que enamorar-se de uma pessoa. Muitos homens enamoram-se de uma covinha no rosto de uma mulher e cometem o erro de se casarem com a mulher inteira. Isto não quer dizer que nos devamos exasperar até ao extremo de deitar a mão a tudo quanto se possa alcançar.

4) Há dois tipos de amor: amor necessitado e amor outorgado. O amor necessitado é algo que todo o coração possui. Assim como os olhos necessitam de luz, os ouvidos de som e o estômago de alimento, assim o coração necessita de amor. Mas o amor outorgado é o que se dá, mesmo quando não é preciso. Se vires uma criatura na rua em perigo de ser atropelada por um automóvel, o teu amor outorgado impelir-te-á a salvar a vida duma criatura. O amor outorgado não nos beneficia directamente; beneficia os outros. O amor outorgado faz-nos sentir mais felizes do que quando nos sentimos satisfeitos com o amor necessitado. Se fores suficientemente generoso para os outros compreenderás porque Deus desceu à lama e ao pó da vida humana para nos ensinar o amor, o amor que continua sempre a amar, mesmo que não seja correspondido...

CRUELDADE

*Era Junho. O Sol resplandecia,
No fecho da abóbada celestina.
Num jardim da cidade lisbonina,
Regavam-se flores — a terra ardia.*

*Duma árvore na ramada, se via
Um melro que, qual ave de rapina,
O jardineiro tinha na retina,
Tecendo laço que caçá-lo havia:*

*A mangueira de rega do jardim,
Qual arma, cruel, aponta e, assim,
Da água o jacto, a ave vencer há-de*

*Ouve, de asas débeis, como flor ferida,
No regaço cai de outras rendida,
Perdendo, mais qu'a vida, a LIBERDADE.*

JOSÉ RODRIGUES DIAS

Da prostituição à droga

(Continuado da pág. 1)

4.º — O consumo da droga predomina nos estudantes.

5.º — A idade em que se verificou maior aumento é a dos 14 aos 17 anos.

6.º — Antes dos 14 anos eram raros os casos de droga. Agora já atinge 8% relativamente às outras idades.

7.º — Também eram raros os casos no meio rural. Actualmente já se verifica uma percentagem de 3% em relação aos meios citadinos.

O caso do jovem de Coimbra que se suicidou, com 17 anos, em consequência da droga, é já uma expressão clamorosa do ambiente em que se vive. Era um rapaz procedente de uma família honesta e possuía já certa cultura. O pai, homem bom, anuncia que vai dedicar o resto da sua vida ao combate à droga, para que outros jovens não caiam na situação trágica em que caíra o seu filho. E logo em resposta recebe telefonemas anónimos com ameaças de morte.

Que significa isto senão que existe uma poderosa rede organizada de traficantes e consumidores interessados em que o negócio e o consumo não sejam prejudicados ou impedidos?

Assim se conclui que o problema da droga é de grande actualidade. Os estupefacientes estão a destruir a nossa sociedade, sobretudo os jovens. Urge pôr cobro a esta situação, com o empenho de todos: os pais, os educadores, os próprios jovens e as autoridades competentes. Estas últimas têm um papel que lhes é próprio: o de combater a traficância de tais produtos e os profissionais da corrupção. De outro modo, assistiremos à degradação contínua da sociedade, e isto não honra nenhuma democracia.

E.



● A POLÍCIA JUDICIÁRIA do Porto deteve os autores do rapto de uma criança de 5 anos, Gonçalo Cabral Barbosa da Silva, e recuperou a quase totalidade do resgate de 500 contos que os pais, pedindo, por assim dizer, de porta em porta, conseguiram arranjar. Sem castigo severo, pragas deste género podem frutificar.

● UMA ANCIÁ que não dá trabalho e vive numa cave do Porto, festejou, ou festejaram-lhe as vizinhas, 110 anos de vida cheia de trabalhos, doenças e amarguras.

● PORTUGAL foi o país da OCDE que conheceu em Abril o maior aumento de preços a nível do consumidor (5,7%) entre os 24 países membros da OCDE.

● A REFORMA DOS RURAIS baixou para 65 anos, já a partir do dia 1 de Julho. A discriminação dos sexos foi também abolida.

● VIOLENTO SISMO no Japão causou 21 mortos e mais de 300 feridos.

● SEIS MIL E QUINHENTAS FREIRAS vão deixar de trabalhar, como enfermeiras, nos hospitais da Itália que pratiquem o aborto.

● O JORNALISTA Yven Clemla, no Rio de Janeiro, da agência, noticiosa France-Presse, fez um relato impressionante do actual panorama no campo das violências sexuais a que os menores estão sujeitos no Brasil, como por exemplo o caso da pequena V. F., de 11 anos, atrasada mental, que deu à luz uma criança de 2,9 quilos, fruto de uma violação cometida por um homem de 51 anos. E muitos mais casos semelhantes.

● BIL WIHTE, de 44 anos, permaneceu enterrado durante 134 dias, 4 horas e 10 minutos, numa espécie de ataúde, para bater o recorde mundial. Enfim...

● O SALÁRIO MÍNIMO em Portugal foi agora elevado para 5.800\$00. Por outro lado a prazo da validade das tabelas salariais foi reduzido de 18 para 12 meses.

● AOS MEMBROS DO GOVERNO (1.º Ministro, Ministros e Secretários de Estado) foram aumentados os ordenados para 45, 40 e 30 contos.

● «CADA CRIANÇA que nasce traz já uma dívida de 30 contos» e «só a iniciativa privada pode salvar o País da crise» — afirmou-se no encontro dos industriais no Porto que teve a presença de 15.000 pessoas.

● O BANCO DE PORTUGAL informou que as disponibilidades portuguesas em ouro e moeda estrangeira registaram uma descida superior a quatro milhões de contos no primeiro trimestre do ano em curso.

Efectivamente, essas disponibilidades eram, em 31 de Dezembro de 1977, da ordem dos 53 milhões 852 mil contos e, no final de Março último, cifravam-se em 49 milhões 838 mil contos, o que representa uma quebra de quatro milhões e catorze mil contos.

Todos nós o sabemos

Por JOSÉ RODRIGUES DIAS

A Vida só vive enquanto vive a Esperança porque, quando esta se apaga, apaga-se, outrossim, aquela. Eu vivo na esperança de Deus e na de ver Portugal, País amado e rico de História, integrado numa Comunidade Lusa onde reine a paz, harmonia amizade e prosperidade, baseadas no interesse mútuo das Nações livres e no de todos os outros povos do Mundo para que, realmente, a Paz e Felicidade Universais deixem de ser

um Sonho lindo, como presentemente, são, para se converterem em autêntica e ansiada Realidade. É que a Dor Humana, física e psíquica, motivada não pelo Absurdo, que a podia justificar, mas pela Razão fria, luciferiana, de poucos Líderes políticos que detêm, em suas mãos ambiciosas e cruéis, o governo temporal de Algumas poderosas nações, é incomensurável e cruciante, reclamando a intervenção de Deus que será punitiva como o tem sido noutras épocas da História da Humanidade. Todos nós o sabemos.

por FULTON SHEEN

É difícil ser adolescente. Todo o que tenha tido o privilégio de ler o diário de um adolescente terá encontrado nele as suas torturas inadequadamente expressas mas profundamente sentidas. Num deles, por exemplo, há estas linhas: «Cada dia me sinto mais enfasiado de mim e já não falo tanto como dantes. As raparigas não me compreendem. Gostava de me encontrar, de novo, com a Maria, a quem conheci no Verão passado. Foi a única que prestou atenção ao que eu tinha para dizer.»

E estouras do diário doutro adolescente: «A mamã está sempre atarefada e nunca me presta atenção. O papá diz que nunca serei nada na vida. Queria que me dissessem que hei-de fazer. Olho-me ao espelho e pergunto: «Que sou eu? Sinto vontade de chorar... A Cristina diz que, com os seus dentes furados e as suas sardas, não arranjará quem a queira para casar.»

Na realidade, trata-se de declarações trágicas e estas almas conturbadas andam em busca de auxílio. Talvez tenham cabimento aqui algumas sugestões.

1) Note-se a diferença entre o que acontece a uma pessoa e o modo por que ela reage perante isso. Aparece-



-lhe uma sarda na ponta do nariz e isso equivale a uma catástrofe. As emoções prejudicam o raciocínio. As reacções emotivas devem estar em proporção com o que motivou as emoções e nunca ser excessivas. Se uma insignificância te deprime, o que a rotina da vida não significará para ti ao fim de dez anos! Classificá-la-ás de «luta de feras». Dá, todas as noites, a ti mesmo, uns instantes de serenidade e afasta da tua mente as preocupações de pequena monta. Como muito bem escreveu um homem sábio: «Sobre um ramo oscilante / está um pássaro que canta, / sabendo que tem asas».

2) Na escola ou no colégio, estuda os companheiros que são mais populares e os que são menos populares. Depois, pergunta: Porquê? Verificarás, então, que o rapaz popular, ou a rapariga popular, é o que é amável para com toda a gente, o que auxilia os mais e nunca fala de si próprio. O impopular é o que é arrogante para com toda a gente, a não ser para com uns tantos amigos, é sarcástico e zomba dos erros dos mais. Se pretendes ser amado, deixa de amar-te a ti próprio ou de ter pena de ti próprio. Quando fores mais velho, verificarás que as próprias doenças duram menos quando se está cercado de pessoas solícitas e carinhosas. O famoso psiquiatra dr. Karl Menninger escreveu: «Cura-se por atmosfera, por atitude, por compreensão afável de toda a gente no hospital». A maioria da gente jovem torna-se impopular fazendo por ser popular. A popularidade é madrinha de casamento e não noiva; é produto resultante da consideração dos outros. Narciso amava-se a si próprio e Eco amava Narciso. Mas este passava a vida a mirar-se na laguna, de modo que não lhe ficava tempo para consagrar a Eco. Esta afastou-se a chorar. A popularidade é a recompensa do esquecimento de si mesmo.

3) Cresce o mais depressa que puderes, para não te enamores quer da masculinidade quer da feminilidade. Tens ouvido falar dos retratos de estrelas e modelos perdurados dos quartos dos rapazes solteiros. Essas fotogra-

(Continua na pág. 3)

A ILHA DA ESPERANÇA

Em pleno oceano Pacífico ficam as ilhas Hawai. Entre os seus habitantes espalhou-se um terrível flagelo: a lepra. Uma doença altamente contagiosa que condena à morte. Os leprosos viviam no desespero e na revolta. Viviam em choças cobertas apenas de folhagem de árvores onde penetravam a chuva e o frio. Não havia aí nem médicos, nem enfermeiros. A alegria e a esperança tinham desaparecido daquela ilha.

E DECIDIU PARTIR!

Estas notícias chegaram ao P. Damião, que vivia na Bélgica. Nasceu nele o desejo de entregar inteiramente a sua vida, força e saúde aos irmãos leprosos. Mas só o pensamento de que caindo naquela inferno, não mais sairia dele com vida, lhe provocava repugnância e horror. Não foi fácil a decisão. Dentro de si, duas forças contrárias se entrecavavam: uma era o grito que lhe parecia vir daquela ilha distante; e a outra, o medo que sentia de se meter por um caminho que o conduziria à morte. Sucedeu que, ao abrir a Bíblia, se lhe depararam estas palavras:

«Deus é Amor. E quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus nele... Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas desprezar o seu irmão, é mentiroso.»

E decidiu partir...

Comoveu-se ao dar os primeiros passos na ilha do desespero. Veio-lhe então ao encontro um homem que imediatamente o reconheceu, pois lhe dera hospitalidade em sua casa, antes de adoecer:

— Padre Damião! — e estendia para ele o que lhe restava dos braços.

O nosso herói fez um grande esforço para reconhecer aquele homem de rosto desfeito. Se o não conseguisse, o doente sentiria uma grande tristeza por se saber irreconhecível. Inesperadamente, acudiu-lhe à memória o nome:

— Kahoo! — e estendeu-lhe as mãos, embora soubesse o perigo a que se expunha. No rosto monstro do homem abriu-se uma espécie de sorriso.

SEDE HOMENS!

Na manhã seguinte, o P. Damião dirigiu-se à igreja para a primeira celebração na ilha.

Uma chuva miudinha cai sobre a ilha triste e abandonada. Os leprosos, metidos nas choças, tiram de frio. O P. Damião abre a porta da igreja, dá o primeiro passo e sente-se sufocado por um cheiro imundo, que o faz recuar. E saiu para respirar um pouco.

Decidido a lutar contra essa repugnância, volta a entrar. Desta vez atravessou a igreja mais devagar, sentindo-se menos incomodado pelo cheiro. Mas, ao pegar na corda do sino, a mão treme-lhe: pensa no grande número de leprosos que haviam puxado aquela corda suja e gasta. O contágio era o grande perigo!

E puxou com força a corda do sino.

O amigo Kahoo havia preparado um chá quente na sua palhota. A água da chuva caía abundante pelos buracos do tecto...

— Como é possível — diz o P. Damião — que não tenhas utilizado aquelas tábuas ali amontoadas a um canto?

— Há mais de um ano que ali estão, mas ainda ninguém teve coragem para pôr mãos à obra. E para quê, se é para morrer que nos encontramos aqui?

Morrer numa casa de madeira ou numa palhota, tanto faz!

— São maneiras de pensar — rematou o P. Damião, — mas erradas. Primeiro, porque um leproso ainda pode viver anos. Segundo, porque devemos alimentar a esperança de um dia encontrar remédio para a lepra. E ainda, porque somos humanos, e devemos construir casas dignas de seres humanos.

— Mãos à obra! — responderam em coro os que ouviam a conversa.

Algumas semanas depois, já belas moradias estão em condições de albergar as primeiras pessoas. A terra, de novo cultivada, dá os primeiros frutos: batata, cana de açúcar, café... Rodeados de carinho, cuidados e atenções, os leprosos sentem-se regressar à condição de homens, começando a viver com dignidade. Alguns começam a preparar-se para receber o Baptismo.

ESTAVA LEPROSO!

O P. Damião reconciliou os desavindos, tratou das chagas mais repugnantes, fez de mestre de obras. Um dia, certo leproso, mostrando o seu reconhecimento pelo bem que fizera aos habitantes da ilha, disse-lhe:

— Padre, temos por ti a maior das admirações!

O P. Damião tirou da boca o inseparável cachimbo e respondeu, mal humorado:

— Olha, rapaz, em vez de dizeres disparates, emprega o tempo a limpar a tua casa.

Certo dia, ao regressar do trabalho, o P. Damião exclama, com espanto e terror:

— Lá voltaram mais uma vez!

Referia-se a umas manchas brancas e secas, muito pequenas, que lhe apareceram nos braços e dificultavam a transpiração. Tratou-se durante alguns dias. Desapareceram, mas por pouco tempo.

Uma grande tristeza o invade. Perde o apetite e as forças. Mas em breve recobrou ânimo e voltou ao trabalho.

Tempos depois ao regressar de uma viagem pela ilha, cansado e preocupado com o que vira, esqueceu-se da água que pusera ao lume. Despertando dos seus pensamentos, encheu uma bacia. Pôs nela os pés doridos, mas nada sentiu. De repente soltou um grito: tinha escaldado a mão. Ficou pálido e fora de si. Ele sabia-o. Quantas vezes na oficina vira um dos doentes cortar-se ou queimar-se sem dar por isso! O mesmo sucedia agora com ele!

Estava leproso!

É que um dos sintomas certos da doença era precisamente a perda da sensibilidade.

AMAR ATÉ AO FIM!

Entretanto, chegou à ilha um médico. Era o maior especialista conhecido nesta doença. O P. Damião revelou-lhe o segredo.

— Acompanhe-me até ao barco. Examinarei ao microscópio uma gota do seu sangue.

E lá subiram os dois...

— E então? — perguntou o missionário, depois de análise.

— Não resta a menor dúvida, padre!

Quiseram convencê-lo a abandonar a ilha maldita para descansar e fazer um tratamento rigoroso. Em vão. Quis ficar junto dos seus irmãos na fé e no sofrimento, e dedicar-lhes o resto da sua vida.

E valeu a pena. A ilha do desespero transformou-se em ilha da esperança.

SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE

Não é a primeira vez que nestes últimos anos se ouve falar dum Serviço Nacional de Saúde que dê resposta às necessidades das populações, sobretudo no interior do país, em matéria de cuidados médicos.

Com este Governo e o actual Ministro dos Assuntos Sociais, o Serviço Nacional de Saúde parece ser objectivo a atingir em tempo breve.

É, com efeito, urgente assegurar o direito à saúde a todos os portugueses — nas cidades como nos confins do vale ou no ermo da serra, onde o médico não vai porque nem caminho tem. É necessário que as estruturas de saúde não sejam repartições administrativas para passar receitas ou, tão-só, justificações de faltas de trabalho. É exigível

que em Portugal, hoje, ninguém morra por falta de assistência médica.

Por isso, é importante um Serviço Nacional de Saúde, que se estenda a todas as regiões do país e que em todos os lugares ofereça cuidados médicos tão qualificados como o exige o bem inapreciável que é a saúde.

Cabê ao Estado a obrigação de criar as necessárias condições estruturais e funcionais para que o pessoal de saúde possa, com eficácia, assistir aos doentes. Mas já não cabe ao Estado nem transformar os médicos e enfermeiros, todos, em funcionários públicos, nem negar aos doentes a possibilidade de escolherem os seus médicos. Uma tal estatização da medicina — sabe-se por experiência

de outros países — só degrada a qualidade técnica e humana dos cuidados médicos dispensados.

Por outras palavras: o direito que cada um tem de escolher o seu médico numa clínica privada, de preços condicionados, não pode ser destruído por qualquer Serviço Nacional de Saúde por mais sofisticado e original que fosse. Necessário é ele, e dever do Estado. Mas não se arrogue o Estado, em nome desse dever, direitos que não tem.

Deixe-se ao doente o direito (e os necessários meios) de procurar em liberdade os cuidados médicos de que carece. E cumpra o Estado o dever de organizar e manter um qualificado Serviço Nacional de Saúde; já não será pouco.